



## Nota de Abertura

A educação, as mudanças e o futuro - (in)certezas?

Na semana em que fomos confrontados com grandes novidades e exemplares comunicações na Web Summit, em Lisboa, ficámos cada vez mais com a certeza de que se a educação não resolve todos os problemas, faz, pelo menos parte da solução de quase todos.

Ouvimos falar de robots que substituem pessoas, até naquilo que achávamos ser impossível, tivemos a certeza de que a economia global está a passar pela mudança mais rápida desde a Revolução Industrial, que os países procuram novas formas de energia mais baratas e mais limpas, mas também confirmámos que a polarização dos mercados de trabalho tornou mais desiguais as oportunidades.

Perante estas (in)certezas, os sistemas educativos enfrentam desafios vitais de, por um lado, responder ao presente, mantendo-se a par das mudanças fora da escola, e, por outro, criar nas gerações de alunos uma preparação para o futuro. E aqui surge a questão primordial: como se prepara para o que não se conhece?

Esta preocupação, sentida cada vez por mais países, está no centro do Projeto Educação 2030, da OCDE, (The Future of Education and Skills: OECD Education 2030) que Portugal integra.

A ideia matricial do Projeto é refletir sobre que tipo de conhecimentos, competências, capacidades, atitudes e valores específicos deverão os alunos desenvolver para enfrentar os desafios que se vão colocar. Para essa reflexão terá de haver um entendimento comum internacional para propiciar diálogos efetivos, aprendizagem entre pares, para que a reforma escolar se torne relevante para futuras necessidades. Assim, este projeto tem duas vertentes principais.

A primeira constitui-se como o desenvolvimento de um Quadro Conceptual de Aprendizagem relevante para 2030 e a tarefa inicial foi a construção de um glossário de termos, tendo em conta que os conceitos, as taxonomias usadas para as diferentes dimensões das competências, por exemplo, variam significativamente entre os países. Deste modo, as

discussões e a clarificação sobre quais as competências necessárias para o mundo em 2030 apoiará os diferentes países na clarificação das suas visões e objetivos para os sistemas educativos. Ao estabelecer-se um quadro de referência multidimensional com uma linguagem comum, os países poderão ter uma ferramenta para valorizar os resultados dos alunos em áreas que não são ainda avaliadas, mas são críticas para o futuro. Outro aspeto importante, será a influência que se espera que este projeto venha a ter na construção, por exemplo, dos testes PISA.

A segunda vertente, prende-se com a análise internacional dos currícula dos diferentes países, pois existem aspetos preocupantes, nomeadamente a sobrecarga curricular.

O Projeto contempla uma análise comparativa internacional sobre o currículo com o objetivo de construir conhecimento que possa contribuir para que o processo de desenho e desenvolvimento curriculares possa ser mais sistemático e tenha por base a evidência, por forma a garantir o rigor e a coerência.

Não se pretendem receitas, nem imposições para os países, pois cada realidade é diferente da outra e cada Estado decide a sua política. Contudo, o pensar sobre estas matérias, neste momento já com 38 países, enriquece a discussão, traz novos atores e soluções, algumas já testadas, mas outras verdadeiramente “fora da caixa”, levando-nos a querer ir mais longe com os nossos alunos, sempre com a garantia da procura da qualidade e equidade.

Portugal participa ativamente no Projeto e recebeu, em Lisboa, uma das reuniões internacionais e introduziu os alunos como “atores” essenciais desta discussão. O tema do seminário português foi “A Voz dos Alunos” e replicou, com alunos de alguns países da OCDE, uma iniciativa que havia já acontecido com alunos portugueses, em Leiria.

É também desta forma que a educação pode concorrer para a solução que, sempre com a certeza de que não será a única, será, pelo menos, construída com todos, porque afinal e também o ouvimos na Web Summit, pelo (nosso) Secretário-Geral da ONU, são as pessoas que vão fazer a diferença.

*Eulália Alexandre*, Subdiretora-Geral da DGE